

ÁGUAS QUE NOS OLHAM, VOZES QUE NOS GUIAM: RELATO DE EXPERIÊNCIA DA OFICINA DESENVOLVIDA COM A CONFRARIA MULHERIL DE ÀSÈ

Fernanda Alves de Lima
Marleide Rodrigues da Silva Perrude

INTRODUÇÃO: O presente texto aborda a educação ambiental antirracista a partir do relato de uma atividade extensionistas desenvolvida pelo projeto “Território em voz: Racismo Ambiental em debate”, da Universidade Estadual de Londrina. Parte-se do reconhecimento de que o racismo ambiental e a invisibilização das comunidades tradicionais de terreiro ainda constituem desafios significativos no campo da educação ambiental, evidenciando a necessidade de práticas que integrem justiça social e sustentabilidade. Diante de tal realidade, realizou-se uma oficina teórico-prática com o objetivo de ampliar o diálogo com as comunidades tradicionais de terreiro, fortalecendo seus saberes e formas de resistências. Assim apresenta-se um relato de experiência de caráter qualitativo, desenvolvido por meio da oficina “Águas que nos olham, Vozes que nos guiam”, baseada no conto *Olhos d’Água* (2016), de Conceição Evaristo. A oficina foi desenvolvida com abordagem dialógica, articulando literatura, memória e vivências coletivas. Realizada em novembro no ano de 2025 na casa Ilé Àșe Àlàyé como parte da programação de lançamento do Estatuto da Confraria Mulheril de Axé, reforçando sua relevância ao colocar que cada mulher do axé é um pilar e que cada corpo é território de luta e encantamento.

METODOLOGIA: A metodologia adotada caracteriza-se como um relato de experiências de abordagem qualitativa, desenvolvida por meio de uma oficina teórico-prática intitulada “Águas que nos olham, Vozes que nos guiam”. A atividade teve como base o conto *Olhos d’Água* (2016), de Conceição Evaristo, tomando como referência o conceito de “escrevivência”, no qual a memória se constitui como elemento central na construção de identidades individuais e coletivas. A narradora não recorda apenas sua mãe como indivíduo, mas também como parte de uma história coletiva, que fala das experiências de muitas mulheres negras: mulheres que sustentaram suas famílias em meio às dificuldades, que aprenderam a transformar a dor em afeto e que transmitiram, através de seus olhares, uma herança de luta, dignidade e amor. A oficina foi estruturada em quatro momentos principais: sensibilização, leitura do conto, roda de diálogo e produção escrita. Na etapa de sensibilização, realizou-se uma roda de apresentação, na qual as participantes compartilharam seus nomes e refletiram sobre aspectos de si que, muitas vezes, permanecem invisíveis ao olhar do outro. Em seguida, ocorreu a leitura do conto, possibilitando o contato com a narrativa e suas dimensões simbólicas e afetivas. No terceiro momento, denominado roda dos olhares, as participantes foram convidadas a compartilhar memórias relacionadas a olhares marcantes em suas trajetórias, evocando experiências ligadas à ancestralidade, às relações familiares e às vivências coletivas. Essas narrativas suscitaram reflexões sobre questões de gênero, raça, espiritualidade e pertencimento. Por fim, realizou-se uma atividade de produção escrita, na qual cada

participante elaborou uma carta direcionada a uma figura materna ou ancestral — real ou simbólica —, como forma de valorização das memórias, afetos e heranças culturais. Ao final da oficina, inspiradas no conto que evoca os olhos da mãe, as participantes foram instigadas a escrever uma carta para a mãe, avó, tia ou outra ancestral significativa (real ou simbólica), podendo também direcioná-la a si mesmas, reforçando a valorização das mulheridades, da herança afetiva, da ancestralidade e do coletivo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO: A leitura e a discussão sensível do conto possibilitaram a emergência de relatos que evidenciam que as histórias das participantes não se restringem ao registro escrito, mas estão inscritas em seus corpos, memórias e olhares. Cada narrativa compartilhada revelou dimensões das escrevivências, expressando dores, alegrias, silêncios e resistências, muitas vezes atravessadas pela identificação com a experiência do outro. A reflexão sobre *Olhos d'Água* constituiu-se como um processo de reconhecimento das múltiplas dimensões que compõem as trajetórias das mulheres negras, marcadas por tensões entre ausência e abundância, sofrimento e esperança. Nesse contexto, a partilha de memórias e a produção escrita mostraram-se como práticas potentes de valorização da ancestralidade e de continuidade de uma tradição de resistência, na qual a palavra assume papel central — seja como forma de expressão, denúncia ou fortalecimento coletivo.

Palavras-chave: Comunidades Tradicionais de Terreiro; Escrevivências; Mulheridades.

REFERÊNCIAS:

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'Água*. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

DUARTE, C. L. NUNES, I. R. *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo* -- 1. ed. -- Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrevivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf>. Acesso em 19/04/2026

AGRADECIMENTOS: Agradeço à casa Ilé Àșe Àlàyé pela confiança e recepção, ao grupo Mulheril de Àșe pelo acolhimento e participação e ao Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da UEL por tornar este momento possível.